

# NOVAS CONFIGURAÇÕES MÍTICAS PARA A IDADE ANTROPOCENO DA SUPREMACIA DOS PLÁSTICOS: A DEUSA DO MAR E AS SEREIAS VIGILANTES

*NEW MYTHICAL CONFIGURATIONS  
FOR THE ANTHROPOCENE AGE:  
THE PLASTICS SUPREMACY, THE  
GODDESS OF THE SEA AND VIGILANTE  
MERMAIDS*

Elizabeth Doud <sup>1</sup>



<sup>1</sup> Elizabeth Doud é performer, escritora e gestora, na área de artes cênicas, e trabalha na área de colaboração cultural e crise climática. Ela é mestranda em Escrita Criativa, na Universidade de Miami (EUA), e atualmente cursa o Doutorado no PPGAC da UFBA.

**Resumo:** Com o principal interesse de examinar como se criam narrativas sobre a crise climática e suas causas, este artigo procura conexões entre a indústria dos plásticos, o colapso dos ecossistemas dos oceanos e as mitologias das deusas do mar, principalmente o arquétipo da sereia e as manifestações da orixá/deusa Yemanjá. A ênfase não é tanto na análise etnográfica da manifestação de Yemanjá, mas na sugestão da necessidade atual de reativar a atenção para esse tipo de meditação mítica, para enfrentar as dificuldades reais e logísticas e encontrar soluções — não somente práticas, mas socioespirituais — para a nossa sobrevivência. Este olhar contempla os escritos de Donna Haraway, para inter-relacionar as estruturas míticas citadas a especulações futuristas, no contexto do *Manifesto Ciborgue* da autora, e imaginar uma sereia nova, que atua com qualidades e um senso do sagrado da Antiguidade, mas que anda armada para lidar com um mundo completamente esvaziado de respeito para com os mares que nos sustentam.

**Palavras-chave:** Crise climática. Mito. Meio Ambiente. Iemanjá. Sereias. Ciborgues.

**Abstract:** With an overarching goal of examining how we create narrative about the looming climate crisis, this article seeks to draw connections between the plastics industry, the collapse of the oceanic ecosystems, and the mythologies of sea goddess with special interest in the archetype of the mermaid and associated manifestations of the goddess/orixá Yemanjá. This is not so much an ethnographic analysis of Yemanjá as it is a proposition to activate our narrative making around myths (new and old) that can confront the very real logistical difficulties and help us find solutions—not only practical but socio-spiritual—to our biosphere’s collapse. This idea uses futuristic speculations of the author Donna Haraway in the context of her *Cyborg Manifesto*, and puts them in dialogue with some of these new mythic possibilities, allowing us to imagine a contemporary mermaid who retains sacred and mystical qualities, yet who is armed with modern critical sensibilities that can confront a world almost emptied of respect for the oceans and their life sustaining force.

**Keywords:** Climate crisis, myth, environment, Iemanjá, mermaids, cyborgs.

## Introdução

O século XXI é um tempo histórico muito irônico. Nossa ironia particular é cibernética e plástica, e reside mais do que nunca em nossos corpos e no entorno planetário. Com o avanço da industrialização das economias, e a rapidez dos procedimentos de produção e comunicação, a Terra tem se transformado irreversivelmente em um organismo com mutações sintéticas: a sua própria corporalidade agora inclui componentes inorgânicos, que transfiguram a nossa biologia e a consciência individual. Como consequência, as ecologias e espécies contidas na biosfera sofreram transformações e viraram “ciborgues”:<sup>2</sup> seres orgânicos com componentes sintéticos.

Hoje, também como em todos os tempos históricos difíceis, o ser humano precisa de mitos,<sup>3</sup> para entender o enigma de estar vivo. Joseph Campbell, reconhecido especialista em mitologia comparativa, falou que os mitos são importantes “não porque explicam o significado da vida, mas porque nos ajudam a entender a experiência de viver”, com todas as suas contradições, incertezas e maravilhas (CAMPBELL; MOYERS, 1988, p. 15). Ele frisa que os mitos precisam mudar com os tempos, porque cada época traz consigo enigmas e problemas peculiares a seu momento, e velhas “lições” nem sempre servem a um novo paradigma.

O advento tecnológico dos plásticos, a crise climática e as catástrofes resultantes, como a aparição dos corpos *ciborgues*, estão provocando circunstâncias completamente inéditas, e os nossos mitos tradicionais não estão dando conta dos grandes desa-

<sup>2</sup> Na ciência e na literatura de ficção científica, um *ciborgue* é um organismo dotado de partes orgânicas e cibernéticas, geralmente com a finalidade de melhorar suas capacidades, utilizando tecnologia artificial. Os *ciborgues* típicos das obras de ficção científica, geralmente servem de mote para comparações entre o ser humano e a máquina, refletindo sobre temas como a moralidade, o livre-arbítrio e a felicidade.

<sup>3</sup> Aqui uso a palavra *mito* para descrever todas as narrativas, contos, lendas e liturgias, criadas pelo ser humano para explicar a própria vida e a existência da vida ao redor. Inclui religiões e cultos de todas as culturas do mundo, sem assinalar o privilégio de nenhum deles.



fios logísticos e morais que, em breve, nós iremos enfrentar.

Este artigo pretende discutir o contexto atual da crise climática e as suas dimensões culturais, e examinar mitos vivos e futuros, que nos podem ajudar a navegar nas águas turbulentas do colapso desesperador da nossa “casa comum”.<sup>4</sup>

### Contexto atual: uma versão *mini* do megadesastre

Em termos geológicos, estamos vivendo na época Holoceno, que começou com o fim da última era do gelo (Pleistoceno). Alguns sugeriram que já passamos para outra época, chamada de Antropoceno,<sup>5</sup> após o domínio dos efeitos humanos no planeta. Esses efeitos são a consequência direta e indireta dos padrões de consumo de nossa espécie, nos tempos industriais, principalmente, e refletem a nossa atitude moral e espiritual perante a natureza. A atividade de consumo atual da população humana está ultrapassando a capacidade do planeta de nos abastecer dos elementos básicos para viver (água potável, recursos não renováveis) e, ao mesmo tempo, está depredando o meio ambiente, de tal maneira, que não vamos ter como

<sup>4</sup> “Casa Comum” é uma frase utilizada com frequência pelo Papa Francisco, na última Carta Encíclica *Laudato Si'*, publicada pelo Vaticano, em junho de 2015. Considerada uma chamada ao mundo para elevar a consciência global sobre as condições do meio ambiente e dos pobres, a encíclica aponta para a urgência da humanidade construir, em conjunto, uma forma de lidar com a crise climática. O texto faz uma relação entre a humanidade e a sua casa comum — a biosfera — e lamenta quanta falta de cuidado temos com ela. Não é pouco significativo que o Papa, a voz da mitologia católica, inclua este novo capítulo na narrativa sagrada da Igreja. Aqui vemos uma revisão da mitologia atual, com a necessidade de customizá-la para a nova idade, com ênfase em um novo imperativo ético.

<sup>5</sup> “Antropoceno” vem de antropo (raiz de “homem”, e cene, raiz de “novo”), porque a espécie humana tem causado extinções em massa, de espécies vegetais e animais, poluiu os oceanos e alterou a atmosfera, dentre outros impactos duradouros, a uma velocidade sem precedentes, em outras fases de extinção na Terra. (KOLBERT, 2014)

recuperar o equilíbrio, para manter a vida, como a entendemos hoje. Esse último perigo se deve aos fatores de mudança da temperatura (principalmente o aquecimento dos oceanos e dos polos) e a extinção de números massivos de espécies. Para complicar ainda mais a situação, esta informação, comprovada pela ciência, não parece suficiente para nos convencer da urgência de mudar o nosso comportamento, nem na micro ou na macroescala das possibilidades. Estamos vivendo uma negação mundial, de proporções ilógicas e mortais.

Essa incapacidade atual do ser humano de reconhecer e dar conta da crise do meio ambiente, criada por nós, tem a ver com vários fatores, econômicos e sociais, como a dominação econômica multinacional das indústrias de extração, em nível global (e os hábitos de consumo de uso único, a ela inerentes), a sobre-população e suas origens, e o fenômeno da violência lenta ou invisível, tão elegantemente definida pelo jornalista Rob Nixon,<sup>6</sup> que torna imperceptíveis os danos em nosso entorno natural. A combinação dessas complexas realidades convergentes dificulta a consciência de perigo, na maioria das pessoas que conseguem enxergar pedaços do problema externo e interno aos seus corpos, mas pouco se organizam para promover mudanças compreensivas em favor de seus próprios interesses, orgânicos e da biosfera, nesse momento de extinção eminente. Além de ser uma

<sup>6</sup> Violência lenta é a violência que ocorre gradualmente e fora de vista, uma violência de destruição retardada, que é dispersada através do tempo e do espaço, uma violência referente ao que normalmente não é visto como violência. “Violência é habitualmente concebida como um evento ou ação que é imediata no tempo, explosiva e espetacular [com sujeito-vítima claro] no espaço, com uma erupção em visibilidade e sensação instantânea. A poluição de mais de uma década de um lago, por agrotóxicos, por exemplo, não deixa de ser violenta, mas não a percebemos assim. Precisamos engajar uma violência diferente, uma violência que não é, nem espetacular nem instantânea, mas incremental, que aumente sua repercussão desastrosa sobre a gama de escalas temporais. Ao fazer isso, também precisamos engajar narrativas representacionais, e estratégias colocadas na frente da relativa invisibilidade da violência lenta”. (NIXON, 2011, p. 2)

escolha irônica, no pior sentido, é uma postura pouco política, que reflete uma insanidade coletiva.

### O *ciborgue* e as dialéticas impossíveis

Apresento aqui algumas das ideias seminais da escritora, feminista e bióloga, Donna Haraway e seu *Manifesto Ciborgue* (2000), refletindo sobre a dominação da indústria dos plásticos, e reconheço algumas características dos arquétipos da sereia e da mitologia da deusa do mar Iemanjá, propondo finalmente a narrativa mítica, como anedota, a essas negações. Assim, Haraway, no *Manifesto Ciborgue* (2000) define uma das utilidades da ironia, como ferramenta narrativa: “A ironia é sobre contradições que não se resolvem em conjuntos maiores, mesmo dialeticamente, sobre a tensão de manter o humor e jogar sério. É também uma estratégia retórica e um método político, aquele que eu gostaria de ver mais honrado” (HARAWAY, 2000, p. 291).

Cabe explicar que o *Manifesto* de Haraway se preocupa com a interface da tecnologia e o feminismo socialista, na última parte do século XX, e ela constrói uma definição de seres *ciborgues* como “organismos cibernéticos, híbridos de organismo e máquina, uma criatura de realidade social tanto quanto de ficção científica” (HARAWAY, 2000, p. 291).

Na concepção de Haraway, *ciborgue* corresponde a um pensamento de tradição racista, machista e capitalista, que incorpora (literalmente: dá corpo) a uma “tradição de progresso e apropriação da natureza como recurso para a produção de cultura” (HARAWAY, 2000, p. 292). É também, nessa visão, que um ser irônico representa uma dialética impossível. Um ser condenado às contradições biológicas e ideológicas do tempo político e industrial em que vive.

Trazendo a ideia de Haraway (2000) até os dias atuais, vemos que ainda estamos incorporando, de maneira *ciborgue*, as modalidades tecnológicas que esta autora assinalou, há quase 40 anos atrás, mas temos componentes cibernéticos, em forma de plásticos, e já presentes em todas as partes de nosso organismo e no organismo do planeta. [Onde Haraway (2000) apontava para um militarismo patriarcal, como o instrumento de deformação do natural, eu aponto para a presença dominadora da indústria dos plásticos, que interfere em nossa

existência política e econômica, mas também ao nível celular para construir o novo *ciborgue*.] Vejamos agora porque os plásticos são frutos de uma incorporação de dominação das indústrias, que têm nos levado ao ponto de transformação e extinção massiva irreversível de muitas espécies: eles estão no topo da hierarquia de consumo e provocam essa nova dialética impossível, em nossos próprios corpos e na Terra.

### A supremacia dos plásticos

Esta supremacia é uma herança da dominação global das indústrias de extração, que não podemos conceber fora da história mundial do imperialismo colonialista e do multinacionalismo industrial; um projeto econômico que usou a mitologia cristã e sua moralidade antro-centrista para justificar os seus fins. A raiz da grandeza petroquímica está no oportunismo hegemônico humano sobre a natureza e no genocídio dos povos indígenas, como um movimento capitalista de superioridade, que gera subeconomias de guerra, ao nível global, para manter o acesso e o controle sobre o petróleo. Isso garante o futuro de produtos novos, cada vez mais baratos, para entrar no ciclo vicioso de um mercado inesgotável de compradores de todas as classes sociais.<sup>7</sup>

Ao nível mais básico, a indústria petrolífera é a fonte de energia para a grande maioria das indústrias, e de uso doméstico mundial, controla a locomoção das pessoas e os produtos que consumimos. É a base da maioria dos agrotóxicos e de toda a produção de plásticos — substância irreversível na biosfera, uma vez consolidada em sua composição estável. Fisicamente, o plástico não pode ser biodegradado ou reaproveitado, no ciclo orgânico da biosfera. Jamais! O plástico mantém a mesma estrutura molecular, e só é fotodegradado, com tempo, em contato com o sol, dissolvendo-se,

<sup>7</sup> Naomi Klein, no livro “Isso muda tudo: capitalismo *versus* clima”, elabora a conexão inegável entre as economias capitalistas, suas raízes no imperialismo e no colonialismo, e a degradação progressiva do meio ambiente global. Seu discurso enfoca a contradição do ideal neoliberal de “progresso” e qualquer solução lógica e moral para a crise climática atual.



aos poucos, numa substância cada vez de menor tamanho, que se dispersa no meio ambiente, com mais facilidade, normalmente através da água, até chegar um dia aos mares. O que conseguimos reciclar desse material é uma mera fração do volume existente e permanente (MOORE, 2011).

Destacamos que, no âmbito dos avanços tecnológicos, industriais, médicos e estéticos, os plásticos proliferam em nossas vidas, e são milagrosos. É impensável voltar para um tempo no qual um hospital operasse sem os produtos plásticos de cuidados básicos ou os instrumentos cirúrgicos. Imaginemos a logística de compras de supermercado, sem embalagens plásticas ou a tecnologia de telefone celular, sem essa matéria. Não podemos existir ou passar um dia sem eles, no paradigma atual, pois todos os tipos de plástico estão integrados completamente à existência humana — até no nível molecular, como substância ingerida e absorvida, pelo próprio organismo.

A permanência e a predominância do plástico em nossas vidas é uma ironia, porque se trata de uma substância com uma duplicidade em seu uso: a sua conveniência e eficácia material é vista como um progresso, mas a curta validade de seu uso e a alta toxicidade desse produto, uma vez fora da circulação, no seu uso pelo consumidor, o transforma em uma arma passiva e lentamente letal, que vem acompanhada de um preço alto, em termos de resíduos tóxicos, no meio ambiente e no corpo humano e animal. A nossa identidade *ciborgue*, hoje, tem tanto a ver com as tecnologias e as máquinas quanto com a composição sintética de nossos corpos, cada vez mais pronunciada, de elementos de plástico. Isso vai muito mais além de implantes e próteses, por questões estéticas e funcionais, residindo, involuntariamente, como partículas e substratos de substâncias plásticas e petroquímicas. Por exemplo, a maioria dos fertilizantes e agrotóxicos usados no cultivo de vegetais e frutas comerciais, é de origem petrolífera. Mamíferos e peixes que comemos ingerem esses resíduos e partículas de plástico, que acabam em nossos corpos, modificando-nos, sem possibilidade de reverter o processo (POLLAN, 2007).

Basta entender que já não temos como voltar atrás, e que, por muito, os arquitetos dessa supremacia estão apostando na nossa dependência dos plásticos, mas temos de reconhecer o papel cúmplice

individual e social que a permite. Com a evidência montada na frente (e no corpo) de cada ser humano dessa existência *ciborgue*, chegará o momento de encarar a probabilidade da nossa própria extinção, e cogitar uma esquiva coletiva? As ciências são claras sobre esse assunto, mas isso ainda não é suficiente para despertar grandes ações, por parte dos governos e indústrias, com a rapidez necessária. A idade da ciência e da razão trouxe consigo a ideia de que o ser humano podia dominar a natureza para nosso uso completo, e isso logramos, mas essa prerrogativa moderna tem extinguido a maioria das sociedades que veneraram a natureza, e que tinham uma “mitologia da natureza” (CAMPBELL; MOYERS, 1988), resultando numa desvalorização da sua sabedoria vital, com métodos e crenças inúteis ou ineficazes. As ciências nos deixaram sem um imperativo moral (as ciências, a propósito, não se importam com a moralidade), enquanto a nossa relação com o entorno orgânico e a nossa espécie se encontram, ambas, naufragando num mar de plástico, sem guias éticos para corrigir esta relação necessária com o meio ambiente. Quais são os mitos existentes que podem nos guiar até uma mudança viável, que abra novas perspectivas para o cuidado de nossa “casa comum”, sem voltarmos para a idade da pedra? Será que existem, ou cabe ao mundo imaginário criar novas narrativas, para nortear a existência, usando, como base, a sabedoria ecológica, já que as ciências não dão conta?

### **O oceano é a mãe de todos nós**

Desde a teoria da evolução de Charles Darwin, que propôs o mar como a origem da “vida”, o oceanógrafo Jaques Cousteau, que levou, ao público moderno, as profundezas do mar, em seus programas e filmes televisados, a importância, a maravilha e o mistério do mar estão sedimentados em nossas consciências. E, se acreditamos na consciência coletiva de Carl Jung (1964), a humanidade tem internalizado a simbologia do mar, nos milhares de anos de nossa evolução, para que o significado dele viva sempre em nossas consciências. O mar físico domina o território do planeta e também fica, na maior parte, invisível, e só existe no imaginário do ser humano como um espaço primordial. Inabitável pelo ser humano e conhecido, só superfi-



cialmente, exceto pelos cientistas experts, o mar é um mundo à parte, que nos brinda com o sustento básico e guarda ainda muitos segredos.

O capitão Paul Watson, intervencionista ambiental canadense e fundador do *Sea Shepherd Conservation Society*, passa a maior parte da sua vida no mar, defendendo-o como ativista. Ele sublinha o nível de depredação atual que atinge, de maneira vital, essa ecologia:

A acidificação e o aquecimento do oceano é muito séria, e plásticos são parte disso. As Nações Unidas dizem que toda a pesca mundial entrará em colapso no ano de 2048 e recifes de coral poderão ter ido embora até 2025 [...] a mensagem que eu tento passar o tempo todo é simples: se os oceanos morrem, vamos morrer. Não vivemos neste planeta com um mar morto, pois é a base de nossa existência. 80% do nosso suprimento de oxigênio vem do fito-plâncton; os oceanos regulam a temperatura e o clima. Não importa se você vive no Himalaia ou Colorado, isso te afeta. Proteger a diversidade biológica em nossos oceanos é a coisa mais importante.<sup>8</sup>

O dilema particular da saúde debilitada dos nossos oceanos e da poluição de plástico nos mares e hidrovias ressalta e simboliza o nível de sobrecarga que estamos causando nesse ecossistema, e, paralelamente, a nossa dependência do comércio de “coisas”, que é alimentada pela indústria do petróleo. Sem a saúde dos nossos oceanos, nossa verdadeira origem ficará prejudicada, seremos, então, uma espécie com um futuro sombrio. Reintroduzimos a ideia da narrativa mítica com relação às profundezas marítimas, porque acreditamos que é difícil encontrar uma cultura que não mencione os poderes e segredos dos mares. Assim, em geral, os povos acreditam nas deusas do mar e nas sereias para resolver os dilemas de maior porte, como o sustento básico da vida e o cuidado maternal do planeta.

<sup>8</sup> Anotação do filme *Eco-Pirate* ou *Eco-Pirata* (2011). O filme trata do trabalho ativista do capitão e sua pesquisa de 35 anos no mar, enfrentando as indústrias petrolíferas e pesqueiras.

## Iemanjá é a deusa do mar

Iemanjá ou a Deusa do Mar foi trazida da África, através de grupos étnicos negros, durante a colonização do Brasil. A mitologia e a manifestação de Iemanjá aparecem nas Américas. Na Bahia, Brasil, o mito de Iemanjá foi trazido pelos povos, principalmente, da etnia ioruba. No seu livro sobre a mitologia de Iemanjá, o professor e filho de santo, Armando Vallado, define as suas origens:

Os mitos dos orixás constituem certamente a fonte básica para o conhecimento de Iemanjá. Esses mitos, que fazem parte da tradição oral dos diversos povos que formam o complexo linguístico-cultural ioruba, foram preservados nos países da diáspora africana, especialmente Brasil e Cuba... levados pela expansão das diferentes modalidades americanas da religião dos orixás. (2011, p. 17)

Nos mitos reunidos por Vallado (2011), Iemanjá aparece como mãe, esposa, filha e amante, mas a sua característica mítica (sagrada) está na associação com “as águas dos rios e suas desembocaduras, a fertilidade das mulheres, a maternidade e, principalmente, ao processo de criação do mundo e da continuidade da vida... Seu nome é *Yemonja* (*Yeye Omo Eja*), Mãe dos Filhos Peixes, divindade regente da pesca” (2011, p. 24).

A antropóloga cubana Lydia Cabrera (1996) identifica sete manifestações de Yemanjá (com a distinção da sua faceta masculina, e mais tenebrosa, de Olokun). Estas variam em seus papéis protagonistas de matrona, às vezes ela aparece como guerreira e protetora, outras vezes manifestada com uma doçura maternal e serena. De uma coleção impressionante de mitos resgatados por toda a ilha de Cuba, Cabrera destaca uma entrevista com um santeiro notável, na sua introdução sobre a entidade:

Yemanjá é a rainha universal porque é a água, a salgada e a doce, o mar (*la mar*), a mãe de tudo criado. Ela alimenta a todos, pois sendo o mundo terra e mar, a terra e quantos vivem nela, graças a Ela se sustenta. Sem água, os animais, os homens e as plantas morrem. (CABRERA, 1996, p. 21)



Enquanto isso, Martins (2008), pesquisadora baiana e professora de dança, estudou a dança de Yemanjá, no Candomblé, e aponta para as manifestações contemporâneas e populares da divindade, na cultura baiana:

A popularidade de Yemanjá como um fenômeno cultural tem influência marcante na vida cotidiana dos baianos. Ela está presente de maneira viva nos corações e nos pensamentos do povo baiano, que habita um estado rico em águas fluviais e a Baía de Todos os Santos. De fato, ela é muito popular como um Orixá feminino, onipresente e poderosa força, sendo cultuada por mais de trezentos anos, desde o tempo em que os africanos chegaram no Brasil. Embora Yemanjá assuma figura de ‘madona’ (Verger, 1981) – mulher com seios volumosos, que muitas vezes têm tamanhos diferentes entre si e com nádegas grandes – a imagem trazida pelos africanos, e que simboliza fertilidade e fecundidade. A sua figura popular está associada ao símbolo universal da sereia, ou seja, uma morena de traços latinos, como resultado da fusão com as Mães-d’água europeias, indígenas e africanas. (MARTINS, 2008, p. 59)

Usando como base estas identificações dos poderes sagrados da deusa do mar, tenho três razões pelas quais enfoco a mitologia de Iemanjá ou Yemanjá:

1. É uma das deusas mais associadas aos oceanos e mares – ecologia de importância fundamental para a minha pesquisa sobre performance e meio ambiente;
2. É um ser mítico, sendo muitas vezes associada ou representada como uma sereia – arquétipo universal que atravessa fronteiras culturais e existe em um estado híbrido ou ciborgue, no contexto da sociedade moderna.
3. É uma deusa venerada em culturas próximas a mim, tanto a cultura brasileira quanto a cubana.

### As sereias como símbolo

A sereia também é outra figura da mitologia, não necessariamente sagrada, e existe como um

modelo em nossa consciência coletiva, sem ter sempre a dimensão de uma deusa. As pesquisas de Carl Jung (1964) sobre arquétipos, em mitologia, símbolos e na psicologia humana, evidenciam a presença recorrente, nas culturas do mundo, do “animus” que, frequentemente, aparece como uma sereia. Além disso, ela vem acompanhada de características femininas, maternas, eróticas e fantásticas, que contêm em si as possibilidades de nossos desejos carnis e existenciais, em relação a pertencimento e segurança.

Essa figura também tem um lado negativo, ou moralmente comprometido, e pode significar uma queda de esforço moral. A sereia tem aparecido nas narrativas folclóricas como um ser sedutor, que controla os ventos e os mares, e atrai os marinheiros para possuí-los, levando-os para o fundo do mar. As variações da sereia incluem o uso de cantos que hipnotizam, asas de pássaro junto com a cauda de peixe e a capacidade de se transformar em mulher, com pernas, para acompanhar um homem e enganá-lo (MILNE, 2008).

Campbell (CAMPBELL; MOYERS, 1988) fala que o mito tem quatro funções: a mística, a cosmológica, a sociológica e a pedagógica. Segundo ele, é a quarta — a função pedagógica — que nos está fazendo falta agora, porque não temos mitos que nos deem pistas ou exemplos para entender como lidar com a complexidade das ironias — as dialéticas impossíveis — de nossos tempos plásticos.

### Novos mitos híbridos

Historicamente, um dos papéis da arte é proporcionar estratégias para desmontar supremacias e levantar contradições. A arte forma-se em nossos sonhos coletivos e manifesta os medos, possibilidades e urgências, que se tornam visíveis e tenham chances de mudar a realidade, ressaltando outros valores. Olhando de novo para Haraway (2000), consideramos algumas características subversivas dos *ciborgues*, que vislumbram um futuro irônico e talvez nos ajudem a construir narrativas míticas alternativas, da deusa do mar e da sereia. Haraway indica a blasfêmia como uma postura prudente para um *ciborgue*. “Blasfêmia não é apostasia”. Esta nos protege da hegemonia moral e, ao mesmo tempo, “insiste em comunidade” (HARAWAY, 2000, p.



291). A blasfêmia fala contra algo — um tabu — e rejeita o sagrado que também internalizamos. No contexto atual, o sagrado não são as figuras míticas tradicionais (a Iemanjá ou a sereia), mas a supremacia artificial que nos absorve, o deus do *shopping* e dos produtos baratos e sintéticos. A blasfêmia maior de nossos tempos será rejeitar a dominação dos plásticos — esse deus falso — que ainda carregamos dentro de nós. Temos que começar a recusar os milhões de toneladas de lixo plástico que já existem na biosfera e que nunca reentrarão no ciclo orgânico, de novo. Temos que arquitetar templos psíquicos e literais desse lixo, para reposicionar os nossos corpos em uma construção alternativa.

Nessa junção, precisamos da blasfêmia e de um novo sentido do sagrado, ao mesmo tempo. O velho deus do progresso só gera lixo. Reciclagem não é suficiente. Que tal reciclarmos as deusas que foram mortas ou tão mal amadas, que nos abandonaram? Tomemos a sereia como um animal da mitologia, da ciência e da ficção, mas, agora, em virtude de morar no mar, ela também é composta de plástico, e é um *ciborgue* que transita em um lugar contemporâneo. Ela tem relação direta com a deusa do mar. Ela é a mulher maravilha, com escamas e calda, uma sereia vigilante, membro da milícia da “Yemanjá pós-moderna”. Nas palavras de Haraway, ela é “resolutamente comprometida com a parcialidade, a ironia, a intimidade e a perversidade. Ela é oponente, distópica e completamente sem inocência” (2000, p. 292).

A sereia vigilante tem uma missão: “desmascarar o irracionalismo”, usando uma mitologia *ciborgue* para imaginar poeticamente um futuro onde nós não seremos extintos, mas onde conseguiremos viver embaixo de outros mares, reconstruindo nossas comunidades dos escombros plásticos, talvez erguendo pirâmides feitas de copos descartáveis, lixo eletrônico e garrafas PET. Ela ficará de pé com uma cauda. Ela será um órgão político. Ela será capaz de resistir, porque ela ainda não pode ser codificada. Ela é pós-internacional, pós-marxista, pós-eco-feminista, pós-folclore e pós-plástica: é a mulher-peixe, que transcende aquilo que nos reunifica com os poderes criadores das Iemanjás e nos faz lembrar a reverência que devemos ter para com a mãe das águas. Enfim, somos todos filhos-peixes.

Não é um inquérito simples, quando se fala de

arte e ativismo, que se torna cada vez mais problemático, ao agregarmos contextos globais, de mudança climática, impostos por múltiplos esforços, além do controle e do tempo do próprio artista, como a supremacia dos plásticos. Apesar dessas dificuldades, menciono a *performance* e o ambientalismo como uma estratégia real e um projeto artístico, cujo foco principal é criar metáforas visuais e performáticas, para sublinhar o impacto que o lixo, no seu sentido mais amplo, tem sobre o ambiente natural (praias e mares) e no próprio ser humano. No seu tratado sobre uma radicalização e a reimaginação de novas fronteiras físicas e psíquicas nas Américas, *The new world border (A fronteira do novo mundo)*, o artista Guillermo Gomez Pena descreve o seu papel como:

Eu me oponho à velha dicotomia colonial do Primeiro Mundo/Terceiro Mundo com a noção mais pertinente do Quarto Mundo – um lugar conceitual, onde os povos indígenas se reúnem com as comunidades da diáspora. No Quarto Mundo, há muito pouco espaço para identidades estáticas, nacionalidades, línguas fixas e ‘puras’, ou tradições culturais sagradas. Os artistas e escritores que habitam o Quarto Mundo têm um papel muito importante: elaborar o novo conjunto de mitos, metáforas e símbolos, que irá localizar-nos dentro de todas estas cartografias flutuantes. (GOMEZ-PENA, 1996, p. 7)

O referido texto foi escrito pensando nas restrições impostas pela política muito física de fronteiras nacionais e como o corpo transita nesses espaços. Não obstante, o seu conceito de “Quarto Mundo” é o que o artista aporta para um momento de flutuações planetárias, como a nossa crise climática, que tem provocado ressonância tremenda em mim, tanto como artista da dança quanto como ser humano. Talvez o ativismo que precisamos, no momento, poderá combinar a retórica irônica do *ciborgue* de Haraway (2000) e a elaboração mítica do artista do Quarto Mundo, de Gomez-Pena (1996), pois escapa do enredo da dominação, perdendo a fidelidade a um grupo preestabelecido, e se veja sempre de formas múltiplas (como mulher-peixe, por exemplo).

No meu projeto de doutorado, estou criando uma “sereia vigilante”: um arquétipo-super-heroína



que não quer abandonar esta fonte materna. Ela é blasfema sobre os antigos seguidores, aqueles que poluem e sujam as praias e os mares; fala de várias espécies ao mesmo tempo, utiliza os métodos modernos para chamar a atenção para a falta de respeito que estamos tendo com a nossa mãe dos mares, e, aos sábados, ela nada até chegar à cidade de Roma, para tomar chá com o Papa Francisco. Não pretendo criar um novo mito para a humanidade, mas estou em busca de novos mitos metafóricos, que possam nos ajudar a encontrar um caminho para o outro lado tempestivo dessa realidade cruel.

## REFERÊNCIAS

- CABRERA, L. *Yemanjá y Ochún, Kariocha, Iyalorichas y Olorichas*. Miami: Ediciones Universal, 1996.
- CAMPBELL, J.; MOYERS, B. *The power of myth*. New York City: Doubleday, 1988.
- DOLMAN, T. Director (2011) *Eco-Pirate: The Story of Paul Watson*. New Zealand: Screen Siren Pictures.
- FRANCISCO, El Santo Padre. *Carta Encíclica Laudato Si?: sobre el cuidado de la casa común*. Roma: El Vaticano, 2015.
- GOMEZ-PENA, G. *The new world border: prophecies, poems & loqueras for the end of the century*. San Francisco: City Lights, 1996.
- HARAWAY, D. A cyborg manifesto: Science, technology and socialist-feminism in the late twentieth century. In: BELL, D.; KENNEDY, B. (Edts.). *The cybercultures reader*. New York City: Routledge, 2000. p. 291-324.
- JUNG, C. *Man and his symbols*. New York: Doubleday, 1964.
- KLEIN, N. *This changes everything: capitalism versus the climate*. New York City: Simon and Schuster, 2014.
- KOLBERT, E. *The sixth extinction*. New York City: Henry Holt & Publishers, 2014.
- MARTINS, S. *A Dança de Yemanjá Ogunté, sob a perspectiva estética do corpo*. Salvador: EGBA, Fomento à Cultura – Governo da Bahia, 2008.
- MILNE, L. Mermaids and Dreams in Visual Culture: The Mermaid as a Visual-Oral Image. *Cosmos*, n. 22, p. 65-104, 2008.
- MOORE, C. *Plastic Ocean: how a sea captain's chance discovery launched a determined quest to save the oceans*. New York City: Penguin Group, 2011.
- POLLAN, M. *The omnivore's dilemma*. New York City: Penguin Press, 2007.
- NIXON, R. *Slow violence and the environmentalism of the poor*. Cambridge: Harvard University Press, 2011.
- THORNES, J. E. A Rough Guide to Environmental Art. *The Annual Review of Environment and Resources*, n. 33, p. 391-411, 2008.
- VALLADO, A. *Iemanjá, a grande mãe africana*. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2011.